



MATOS, Odilon Nogueira de. A PUCC e os Simpósios de História (VIII). Correio Popular, Campinas, 28 nov. 1975.

A PUCC e os Simpósios

de História (VIII)

Correio Popular

Odilon Nogueira de MATOS

A contribuição de nossa PUCC ao VI Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, traduzida no n. 25 da "Notícia Bibliográfica e Histórica", cujo conteúdo venha de comentar ao longo de vários artigos desta série, alcançou excelente repercussão, refletida principalmente na expressiva moção de regozijo e congratulações aprovada na última sessão plenária. Mas, mais do que isto, e mais significativo ainda, foi que a publicação campineira despertou interesse em outras unidades da Federação, que por ela passaram a se interessar visando especialmente a números similares quando idêntica circunstância ocorresse. Foi assim que, ao anunciar-se que o simpósio seguinte seria em Belo Horizonte, um dos colegas mineiros, despedindo-se, bateu-me às costas com este carinhoso apelo: "Não podemos ficar atrás. Também queremos um número especial sobre Minas Gerais". Este "também queremos" revestiu-se, para mim, de profunda significação. E foi o que me animou, daí por diante a preparar números dedicados aos simpósios que se realizaram e — se Deus quiser e o magnífico Reitor me ajudar — o mesmo pretendo fazer com os que futuramente se realizarem.

Vale dizer que nossa Universidade Católica é a única instituição universitária do país a marcar, dessa forma permanente, a colaboração nos simpósios de História. E' a já esperada "nota campineira", simpática e expressiva, que leva o nome, não apenas da PUCC, mas da própria cidade de Campinas aos mais afastados rincões do Brasil.

Para o simpósio de Belo Horizonte escolheu-se um tema altamente sugestivo: "A cidade e a História". Percebi desde logo que ele me propiciaria material para editar um fascículo, não disperso como fiz com Goiás, mas concentrado no próprio tema da reunião. E a primeira idéia que me ocorreu foi respigar nos relatos dos viajantes estrangeiros do século XIX o que eles houvessem escrito sobre as velhas cidades mineiras. E assim foi composto o n. 46, distribuído no VII Simpósio, realizado na capital mineira em setembro de 1973.

Não julgo necessário estender-me sobre ele tal como fiz com o número relativo a Goiás, pois tive ensejo de, neste mesmo jornal, dele me ocupar por ocasião de meu aparecimento. Seria redundante repetir o que então escrevi. Lembarei apenas que, pela primeira vez, esse número transmitia uma palavra oficial da reitoria de nossa Universidade Católica, traduzida numa página de apresentação do fascículo e, ao mesmo tempo, de saudação aos professores e historiadores reunidos em Belo Horizonte. O Magnífico Reitor, Prof. Dr. Barreto Fonseca fez sentir aos simposiastas o interesse e o significado da revista que lhes era oferecida.

"Dado o reconhecido interesse que a leitura dos viajantes do século passado vem despertando como fonte para o conhecimento das condições de vida de nosso país na época em que eles o visitaram, estamos certos de poder oferecer aos jus-

tres professores reunidos em Belo Horizonte não apenas deliciosas páginas evocativas do passado mineiro, mas, igualmente, um precioso material de estudo para o conhecimento da vida urbana no Brasil no século XIX".

Tais palavras revestiam-se da maior significação, especialmente se considerarmos que as obras utilizadas para a formação da seleta eram totalmente esgotadas, raríssimas, longe, portanto, do alcance aos estudiosos de hoje. Atualmente, muitas delas — e registro-o com imensa satisfação — estão novamente em curso através de excelentes edições da Livraria Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Universidade de São Paulo. As vezes em novas traduções, outras vezes utilizando as mesmas traduções das edições primitivas. Mas, uma boa parte permanece, ainda, na categoria de livros raros, fazendo a felicidade de seus ditosos possuidores.

Os viajantes que utilizei para esse número "mineiro" de nossa revista foram: Avé-Lallement, Burmeister, Burton, Cantatt, Gardner, Spix e Martius, Pohl e Saint-Hilaire. E as cidades sobre as quais coligi suas valiosas páginas foram: Barbacena, Congonhas do Campo, Diamantina, Formiga, Itabira do Mato Dentro, Juiz de Fora, Mariana, Ouro Preto, Paraiatu, Sabará, São João del Rei, Serro (então Vila do Príncipe) e Teófilo Otoni (então denominada Filadélfia). Cidades as mais variadas, como se deprende da simples relação, quase todas tendo em comum a origem mineradora mas dentre as quais se destacam duas exceções: Juiz de Fora e Teófilo Otoni, ambas originárias de uma valiosa experiência de colonização estrangeira. A velha Santo Antônio do Paraibuna acabou fundindo-se com a Colônia D. Pedro II para a formação da grande metrópole da Zona da Mata, enquanto que a primitiva Filadélfia o fruto mais importante da experiência colonizadora de Teófilo Otoni no vale do Mucuri transformouse na grande capital do Norte de Minas, posteriormente crismada, com toda a justiça, com o nome do grande estadista liberal do Segundo Reinado que um seu biógrafo denominou o "Ministério do Povo".

O número 46 da "Notícia Bibliográfica e Histórica" prescindia de qualquer página introdutória ou comentários por parte do organizadora. Trazia apenas, como prefácio, as palavras de apresentação e saudação do nosso Reitor. Entendi que os textos, tão claro e precisos, dispensavam quaisquer outras palavras que, no caso, viriam apenas avolumar a publicação. Nem todos, porém, entenderam assim. Tanto que a única crítica feita à revista foi exatamente esta: a falta de algumas palavras de introdução ou de comentário aos textos. Partindo de quem partiu — a Professora Alice P. Canabrava, uma das nossas mais cultas e capazes pesquisadoras no campo da história brasileira — não pude deixar de reconhecer a procedência de sua observação, não propriamente com referência a comentários, mas a uma apresentação dos viajantes escolhidos. Procurei sanar a falha escrevendo um "Prefácio ao número 46", que foi publicado no n. 54, de fevereiro do ano seguinte. Tal "prefácio" foi incluído no texto do trabalho original, para efeito de publicação nos Anais do Simpósio, que vêm de ser publicado, em três belos volumes, totalizando mais de duas mil páginas.

Não ficou nisso, entretanto, a participação de Campinas no Simpósio de Belo Horizonte, como ainda mostrarei em um último artigo.